

# A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Juliano Del Gobo  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

**Juliano Del Gobo**  
(Organizador)

**A Psicologia**  
**Frente ao Contexto Contemporâneo**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] /  
Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto  
Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-016-2

DOI 10.22533/at.ed.162181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos  
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO	
<i>Rosângela Rocio Jarros Rodrigues</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
PSICOLOGIA, PODER E SEXUALIDADE: A FIGURA CONTEMPORÂNEA DO INTERSEX E AS NOVAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Jônatas Mota Leitão</i>	
<i>Luiza Maria Silva de Freitas</i>	
<i>Paulo Germano Barrozo de Albuquerque</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
POVOS ORIGINÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: A QUESTÃO DA TERRA	
<i>André Valécio</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS	
<i>João Pedro Vilar Nowak de Lima</i>	
<i>Jeferson Renato Montreozol</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES	
<i>Isadora Oliveira Rocha</i>	
<i>Gláucia Ribeiro Starling Diniz</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN	
<i>Barbara Maria Turci</i>	
<i>Eliane Regina Pereira</i>	
<i>Emerson Fernando Rasera</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES	
<i>Allan Henrique Gomes</i>	
<i>Orlando Afonso Camutue Gunlanda</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE?	
<i>Antônio Vladimir Félix-Silva</i>	
<i>Cássio Marques Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819128</b>	

**CAPÍTULO 9 ..... 109**

ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A TUTELA DA JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DA PARTICIPAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

*Lara Brum de Calais*

*Juliana Perucchi*

**DOI 10.22533/at.ed.1621819129**

**CAPÍTULO 10 ..... 125**

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

*Mariana Luciano Afonso*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191210**

**CAPÍTULO 11 ..... 130**

ENFRENTAMENTOS, RESISTÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

*Renata Câmara Spinelli*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191211**

**CAPÍTULO 12 ..... 147**

RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

*Erlândia Silva Pereira*

*Maristela de Souza Pereira*

*Rogério de Melo Costa Pinto*

*Helena Borges Martins da Silva Paro*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191212**

**CAPÍTULO 13 ..... 162**

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

*Erik Cunha de Oliveira*

*Saulo Santos Menezes de Almeida*

*Juliana Souza Vaz Ribeiro*

*Alexsandro de São Pedro Santiago*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191213**

**CAPÍTULO 14 ..... 171**

DA PATOLOGIZAÇÃO AO DIREITO À SAÚDE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM DOCUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

*Roberta Cristina Gobbi Baccarim*

*Grazielle Tagliamento*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191214**

**CAPÍTULO 15 ..... 186**

CAPTURA E REGULAÇÃO: INVESTIMENTOS BIOPOLÍTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

*Júlia Arruda da Fonseca Palmiere*

*Anita Guazzelli Bernardes*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191215**

**CAPÍTULO 16 ..... 196**

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

*Hudson Henrique de Oliveira Masferrer*

*Emerson Fernando Rasera*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191216**

**SOBRE O ORGANIZADOR ..... 210**



## RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

### **Erlândia Silva Pereira**

UFU- Universidade Federal de Uberlândia  
– Faculdade de Medicina  
Uberlândia – MG

### **Maristela de Souza Pereira**

UFU- Universidade Federal de Uberlândia –  
Instituto de Psicologia  
Uberlândia – MG

### **Rogério de Melo Costa Pinto**

UFU- Universidade Federal de Uberlândia –  
Faculdade de Medicina  
Uberlândia – MG

### **Helena Borges Martins da Silva Paro**

UFU- Universidade Federal de Uberlândia –  
Faculdade de Medicina  
Uberlândia – MG

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar a estratégia das Rodas de Conversa Dialógica como um método de pesquisa qualitativa e de intervenção. As Rodas de Conversa Dialógicas são uma prática sistematizada de condução de grupos, a partir de reflexões e interlocuções horizontalizadas com os participantes. Ancoradas no pensamento freiriano, constituem-se em uma prática grupal com a finalidade de promoção da saúde do trabalhador. Esse método foi idealizado junto a trabalhadores de saúde de um município mineiro, lotados no Centro de

Controle de Zoonoses – Programa de Controle de Dengue. O convite foi feito pela pesquisadora para o universo de 298 trabalhadores, dos quais 232 agentes de controle de zoonoses voluntariamente se dispuseram a participar. Foram formados grupos com 15 participantes, sendo realizadas 10 rodas com cada grupo, com duração de 120 minutos e intervalo de 30 dias entre elas. No presente texto, apresentamos as premissas que nortearam a prática das Rodas de Conversa Dialógicas e discutimos a metodologia desenvolvida nesse processo. Entendemos que o objetivo das Rodas não é o de oferecer um roteiro no fazer grupal; ao contrário, sua potência está em funcionar como inspiração para a criação de novas metodologias e fazeres, em um processo de luta e de construção coletiva pelo trabalho que acreditamos: práticas de ruptura, de transformação, de promoção de autonomia e de libertação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologia; Técnicas de Investigação; Saúde do Trabalhador; Promoção em Saúde

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to present the Dialogical Conversation Wheels strategy as a qualitative and intervention research method. Dialogical Conversation Wheels are a systematized practice to work with groups, based on dialogical reflections

and on dialogues. Anchored in Freirean thinking, they constitute a group practice for the purpose of promoting the health of the worker. This method was constructed with health workers from a municipality in the state of Minas Gerais, Brazil, in the Zoonoses Control Center - Dengue Control Program. The invitation was made by the researcher to the universe of 298 workers, of which 232 agents of control of zoonoses voluntarily were willing to participate on this. Groups with 15 participants were formed, with 10 wheels with each group, lasting 120 minutes and a 30-day interval between them. In the present text, we present the premises that guided the practice of the Dialogical Conversation Wheels and discuss the methodology developed in this process. We understand that the goal of the groups is not to offer a script in group practice; on the contrary, its objective is to act as inspiration for the creation of new methodologies and practices, in a process of struggle and collective construction for the work we believe in: practices of rupture, transformation, promotion of autonomy and liberation.

**KEYWORDS:** Methodology; Research Techniques; Worker's health; Health Promotion

## 1 | INTRODUÇÃO

São inúmeros os métodos de pesquisa que se atentam às questões do trabalho e da saúde do trabalhador. A Roda de Conversa Dialógica é uma prática sistematizada e instrumentalizada de fazer grupo a partir de reflexões e interlocução dialógicas, de metodologias grupais e do pensamento freiriano. Busca desenvolver a reflexão do sujeito sobre sua própria realidade; por meio de diálogos, de modo que os sujeitos vão percebendo que não vivem o cotidiano além da imediatez dos fatos (PONTES, 1997). O intercâmbio dialógico gerado pela Roda permite que os sujeitos ampliem sua visão, provocando reflexões sobre o próprio cotidiano, de forma a criar condições para a promoção de saúde.

A Roda de Conversa é uma intervenção inovadora que propicia processos de autonomização do sujeito por via dialógica. Conforme Tengland (2006), a autonomia auxilia as pessoas em suas vivências e constitui o cuidado de si mesmas. É, ainda, um instrumento de investigação que desvela modos de ver: um olhar construído com o sujeito, crítico e ampliado, que se difere por não encerrar as vozes que circulam no espaço da Roda, fazendo a palavra circular no ambiente de horizontalidade, sem a imposição de uma autoridade sobre os demais.

Partindo de referenciais dialógicos, a Roda constroi laços de confiança entre os sujeitos que compartilham informações sobre seu próprio cotidiano; nesse contexto, constituem-se as cadeias dialogadas de invenção, em que as falas se conectam umas às outras, resguardadas as semelhanças e diferenças a elas inerentes. Nesse processo de falar a complexidade do cotidiano, a rede de experiências compartilhadas movimenta processos de reflexão que Freire (1978) identifica como admirar: o sujeito se descola da compreensão primeira dos fatos e vai enriquecendo as muitas

abordagens nas falas dos demais. Deslocado, vê mais do que aquilo que, para ele, sempre foi o mesmo. Quando volta do “ad-mirar” para o coletivo, retorna trazendo o que não via: a sua invenção.

Não há mágicas que anulem os sofrimentos dos sujeitos – permanecerão a desigualdade, a exclusão social, a concentração de renda, dentre outros males sociais. No entanto, por esse método, o sujeito rompe com uma realidade alienadora apoiado pelo grupo, por meio do laço que se tece quando os problemas verbalizados por todos são transitados nos diálogos da Roda.

O objetivo desse artigo é apresentar a Roda de Conversa Dialógica como um metodologia de pesquisa qualitativa e de pesquisa-intervenção, com a finalidade de promoção da saúde do trabalhador.

## 2 | SAÚDE DO TRABALHADOR E O ATO DE PESQUISAR NO UNIVERSO DO TRABALHO

A Saúde do Trabalhador é um campo de práticas e conhecimentos (Lacaz, 2007), construído por vários autores, considerando a amplitude do tema na sociedade contemporânea. Dentre esses, há aqueles cujos estudos trazem contribuições específicas para a estruturação da Roda de Conversa Dialógica.

Pensar saúde do trabalhador no início do século XIX, época da Revolução Industrial, significava garantir a continuidade e a qualidade no processo de produção das fábricas, visto que os sujeitos se encontravam em um modo acelerado e desumano de trabalho (MENDES e DIAS, 1991). Foi assim que, em 1830, o primeiro serviço de Medicina do Trabalho surge enquanto prática interventiva, ainda que médico-centrada.

No entanto, a prática da medicina do trabalho, ao desconsiderar os determinantes sociais do adoecimento e não se prestar à interdisciplinaridade, logo falhou, inclusive no Brasil. Emergiu, assim, a Saúde Ocupacional, que pretendia considerar os aspectos do ambiente que incidiam sobre o adoecimento dos trabalhadores, a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Todavia, essa abordagem também se mostrou limitada e cotinuava a pensar os sujeitos como extensão da fábrica (MENDES e DIAS, 1991).

Pensar saúde do trabalhador deve significar pensar em promoção de saúde, considerando os multifacetados aspectos da vida do sujeito – incluindo os processos de trabalho – a partir de movimentos sociais dos próprios trabalhadores e usuários do serviço de saúde. Estes passam a exigir, a partir da década de 1970, melhoras nas condições de trabalho e no atendimento à saúde, garantindo seus direitos enquanto cidadãos e trabalhadores (MENDES e DIAS, 1991).

Emerge, assim, o campo Saúde do Trabalhador, cuja estratégia se encontra, segundo Mendes & Dias (1991), em um processo mais amplo: o objeto principal de intervenção passa a ser “o processo saúde e doença dos grupos humanos, em sua relação com o trabalho” ( MENDES e DIAS, 1991, p. 347), de forma atrelada

às responsabilidades do Estado e ao aspectos sociais concretos que perpassam a saúde dos sujeitos. A partir de então, é necessário que os vários profissionais que se envolvem com o cuidado ao trabalhador compreendam esse processo – como e porque ele ocorre – e pensem alternativas de intervenção que busquem não a continuidade ou o aumento da produção dos trabalhadores, mas a apropriação por parte deles de todas as dimensões que os envolvem enquanto sujeitos e trabalhadores.

Assim, de um ambiente de dominação e submissão, o espaço do trabalho tem a oportunidade de se constituir num *lócus* de resistência, de fazeres históricos (MENDES e DIAS, 1991) em que o trabalhador se torna um novo ator social mediante as movimentações políticas, econômicas e sociais que o atravessam (LACAZ, 2007).

A configuração do campo Saúde do Trabalhador envolve, segundo Lacaz (2007), três vetores importantes: a produção acadêmica, a programação em saúde na rede pública e os movimentos dos próprios trabalhadores. Enfoca-se a instrumentalização de estratégias de prevenção de doenças e promoção de saúde, incorporando conhecimentos dos trabalhadores e potencializando suas lutas na melhoria de suas condições de trabalho e na defesa por sua saúde.

Considerando o trabalhador na condição de sujeito ativo, e não um mero objeto ou um recurso presente no local de trabalho, busca-se resgatar seu lado humano, suas potencialidades e sua autonomia, colocando-o como reponsável por mudar as condições que incidem sobre sua saúde e, também, sua realidade no trabalho (LACAZ,2007). Nesse sentido, é como sujeito que se constroi saúde: o trabalhador é capaz de compreender, melhor que ninguém, seu cotidiano, seus processos e, por isso, ajuda a definir os caminhos de seu próprio cuidado. De forma participativa, o sujeito passa a ser visto como dono de um saber válido e como sujeito coletivo, não cabendo, aqui, tutelá-lo ou ensiná-lo de uma posição de saber superior, mas incorporá-lo em seu processo de cuidado (LACAZ,2007).

As ideologias modernas mascaram estratégias aplicadas ao disciplinamento e à adesão dos trabalhadores, colocando-os em posições funcionais para parecer que eles compõem harmonicamente o conjunto da empresa. Entretanto, essas máscaras modernas apenas disfarçam a exploração velada do trabalho: os trabalhadores são chamados de colaboradores, sócios, e a saúde deles é olhada visando à máxima capacidade produtiva dos sujeitos.

Pensar o trabalho inserido em uma sociedade cuja estrutura é capitalista significa pensar que os moldes das relações de trabalho vivenciadas por esses sujeitos têm a característica radical da exploração de sua força de produção. Esse panorama é reflexo da seguinte realidade: trabalhadores submetidos a sofrimentos físicos, psíquicos e relacionados às suas relações sociais, se encontram, muitas vezes, em ambientes precarizados e não acessam por completo, ou simplesmente não têm oportunidade de alcançar, seus direitos sociais. Atualmente, ainda contamos com a depreciação mercantil do trabalho pelas novas leis trabalhistas e a supressão do trabalho vivo, dentre tantas outras questões, que contribuem para o adoecimento.

Abordando esse processo, Seligmann-Silva (2011) afirma que, para se pensar saúde do trabalhador, é necessário que as diferentes formas de dominação e suas trajetórias sejam pensadas em suas relações sociais de trabalho, na tecnologia dos processos de produção e na organização do trabalho e da gestão. Dessa forma, a reflexão há de envolver a mudança, ao longo do tempo e de diferentes contextos políticos, econômicos e socioculturais, da relação entre esses aspectos, correlacionados às forças capital/trabalho. Só assim, portanto, poderíamos dar conta, ainda sem conseguir abarcar tudo, da construção dos processos de trabalho saudáveis e de suas repercussões na mente e na vida dos assalariados.

Marx (2013) toma o trabalho como uma característica essencial do humano, como aquilo que nos diferencia dos animais e que tem por característica ser pensado do começo ao fim por aqueles que o executam. Só a partir da divisão social do trabalho – com a compra da força de trabalho, na lógica capitalista de funcionamento da sociedade – que essa concepção foi modificada de forma brusca: o sujeito não mais tem noção completa, ou sequer tem noção, de seu próprio processo de trabalho, e trabalhar torna-se sinônimo de exploração.

Dessa forma, pesquisar no universo do trabalho se mostra fundamental quando a investigação busca garantir os interesses dos sujeitos que participam da pesquisa e as questões que emergem antes, durante e depois da própria investigação. Considerando essa singularidade investigativa, incluem-se múltiplas variáveis do conhecimento no contexto da relação com os sujeitos envolvidos e o processo torna-se tão enfatizado quanto os resultados (CRESWELL, 2014). Em consonância com Carreiro & Barros: *“As ferramentas são singulares, não podendo ser fixadas e padronizadas para o uso em outras intervenções, para serem replicadas; o foco não é dirigido exclusivamente para os resultados, mas também para o processo de produção desses resultados”* (BARROS; PEREIRA & BARROS, 2017, p. 141).

Quando o sujeito da pesquisa é um trabalhador e a questão central da investigação é o trabalho, outras abordagens estão envolvidas. Para Bendassolli & Gondin (2014) a intervenção no trabalho defende a produção de saberes apoiada na prática para a transformação das situações problematizadoras de trabalho, a potencialização das ações do sujeito e a melhoria das condições de vida do trabalhador.

A pesquisa, assim, move-se em um universo que vai do indivíduo singular até suas relações sociais coletivas. Nos contextos sociais de extrema desigualdade, os sujeitos experimentam muitas privações, que afetam direta e indiretamente seu cotidiano (HELLER, 1989). Os bens da civilidade – produzidos pelo trabalho social, pelos trabalhadores, e que deveriam ser para todos – não conseguem atingir todos os trabalhadores, ou sequer a maioria deles, gerando uma contradição insustentável.

Pensar ações transformadoras pautadas na realidade e no interesse dos trabalhadores enquanto sujeitos ativos pressupõe projetos de intervenção que favoreçam sua criatividade e suas potencialidades humanas, esquivando-se das tradicionais alternativas funcionalistas de produção do conhecimento. Condizente com

a proposta da Roda de Conversa Dialógica, para proporcionar reflexão e transformação do mundo real, enfatizam-se a relação subjetividade-trabalho, a intencionalidade dos atores sociais, o papel fundante do trabalho como atividade concreta de mediação, a importância dos sentidos e das ações do trabalhador e um claro comprometimento do pesquisador (BENDASSOLLI, 2014)

### 3 | O PERCURSO DAS RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS

Existem várias formas e metodologias de trabalhar com grupos. A Roda de Conversa Dialógica é uma estratégia que valoriza o exercício dialógico na invenção de alternativas coletivamente construídas, em que os trabalhadores se ajudam mutuamente, recuperando sua capacidade de construção de conhecimento, o que nem sempre é feito nos trabalhos de grupos. Para conformar uma base de reflexão e estruturação da metodologia da Roda, alguns autores foram de importante contribuição.

Silvia Lane (1984) percebeu a existência de pelo menos duas perspectivas que envolvem o trabalho com grupos. A primeira objetiva garantir a produtividade dos sujeitos participantes, mantendo a harmonia das relações dentro do grupo e utilizando, para tanto, a divisão de papéis como forma de condução e realização de um grupo. A segunda considera as relações sociais de poder existentes no contexto social em que o grupo se encontra, sendo fundamental seu processo de funcionamento. Borges & Vecchia (2011) defendem essa segunda abordagem, apontando-a como fundamentada pelo materialismo histórico e dialético, cujo início se relaciona com mobilizações sociais ocorridas na época da ditadura militar na América Latina, nos anos 1970. Para o trabalho com essa proposta, é fundamental entender o sujeito como um ser social e histórico e almejar criar ações transformadoras, tornando necessárias intervenções carregadas de uma perspectiva política e socioeconômica que rompam com os paradigmas existentes em nossa sociedade.

Nesse sentido, Martín-Baró (1989) assinala a importância dessas estratégias grupais romperem com, principalmente, três aspectos: parcialidade dos paradigmas predominantes, perspectiva individualista e a-historicismo. Segundo o autor, as relações sociais em que vivemos são consideradas naturalizadas, e isso abarca, inevitavelmente, as relações dentro dos grupos. Dessa situação depreende-se o risco de sermos reducionistas se não considerarmos a história da construção do espaço do grupo para que ele seja pensado e analisado. Outra ação importante é tirar o sujeito do centro das intervenções em grupo, substituindo-o pelas relações sociais ali estabelecidas; de outra forma, as possibilidades de intervenção coletiva seriam restringidas. Essa redução acabaria por naturalizar aquilo que é construído na relação, encerrando a possibilidade de compreensão da ideologia existente por trás da realidade em que vivemos (MARTÍN-BARÓ, 1989).

Ainda, a partir de Heller, Andaló (2010) situa o grupo entre a particularidade e



a totalidade social, colocando como método a exposição das contradições sociais, fundamental para pensar atividades grupais. Também faz uso do termo mediador para nomear a função do grupo, no sentido do resgate dos sujeitos como históricos, culturais e ativos em sua própria constituição. Assim, deixa-se para trás o maniqueísmo dos grupos, como citado por Martín-Baró (1989).

Além das contribuições desses autores, para operacionalizar a Roda buscou-se no pensamento de Paulo Freire (1978) o Círculo de Cultura, quando o autor se apropria do diálogo para a produção de conhecimento com o objetivo de desenvolver a competência de ler e escrever criticamente. Na Roda de Conversa Dialógica, trabalho preconizado em investigação que iniciou-se anteriormente (PEREIRA, 2015) o diálogo produz conhecimentos e reconhecimentos que, criticamente, desvendam as situações cotidianas imobilizadoras do sujeito, sendo essa a característica marcante da Roda. A Roda de Conversa Dialógica surge, no trabalho com grupo, como uma ferramenta social de invenção do cotidiano dos sujeitos, de autonomia e de construção de novas relações e afetos com o outro e com o mundo, onde as diferenças se chocam, a dúvida sobre a verdade proporciona reflexão, ação e, conseqüentemente, transformação no modo como os sujeitos enxergam a si mesmos e à sua realidade. Dessa forma, essa metodologia foi construída junto a trabalhadores de saúde de um município mineiro, lotados no Centro de Controle de Zoonoses – Programa de Controle de Dengue. O convite foi feito pela pesquisadora para o universo de 298 trabalhadores, dos quais 232 agentes de controle de zoonoses voluntariamente se dispuseram a participar. Foram formados grupos com 15 participantes, sendo realizadas 10 rodas com cada grupo, com duração de 120 minutos e intervalo de 30 dias entre elas (em 2016). Essa atividade constituiu o ponto central de uma pesquisa de doutorado, que foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia.

São diversas as características que dizem sobre o público pesquisado: serem trabalhadores que ficam expostos a condições potencializadoras e/ou causadoras de danos à saúde (sol, chuva, periculosidade e insalubridade do território, entre outros); serem pessoas situadas em um ambiente profissional de baixa qualidade no que diz respeito à sua valorização dentro das relações de trabalho; e mais ainda, serem pessoas que vivenciam muitas experiências marcantes em sua jornada de trabalho, mas pouco tem espaço para falar sobre isso. Os agentes de controle de Zoonoses chegam nas casas dos moradores de seu campo de abrangência para fazerem seu trabalho carregando apenas o peso de suas mochilas, e saem tendo que dar conta do peso das diversas questões e problemas, dos mais profundos sofrimentos e dores, físicos ou não, e de muitas outras adversidades que também se encontram com eles quando do encontro com as pessoas que estão sendo visitadas. Ao não terem oportunidade de dizer sobre isso e sobre si mesmos dentro dessa realidade cotidiana, o peso dobra, triplica, e assim por diante, até que esse trabalhador se torne um sujeito adoecido pelas condições físicas, psicológicas e sociais às quais é submetido.

Como uma tentativa de resposta a essa demanda de promoção de saúde dos

trabalhadores, sem a introdução de estratégias alienadoras, mas fomentadoras da criatividade do trabalhador no processo de invenção de alternativas, a Roda como um fazer grupal se diferencia das tradicionais técnicas grupais por ser uma prática opositora ao a-historicismo, funcionalismo e tecnicismo. Assim, a Roda de Conversa Dialógica se constitui enquanto metodologia inédita de intervenção – enquanto meio de promoção de deslocamentos de posições reificadas, de agenciamento de autonomia – e de pesquisa, enquanto busca para construir e qualificar dados contextualizados.

De acordo com Paulo Freire (1996), a autonomia proporciona a liberdade do sujeito em relação a si mesmo, em um processo de humanização das próprias decisões, em que ele assume sua dependência e deixa cair as barreiras que não permitem ao seu próximo que ele seja outro, construindo um ato comunicante, coparticipado, de reflexão crítica e prática. Vivenciar a autonomia, portanto, é poder experimentar de forma responsável um caminho de amadurecimento, de vir a ser com confiança em sua própria história, em um processo a ser vivido com o outro, e não somente consigo mesmo.

Observa-se a potência dessa metodologia no trabalho com grupos que busca ampliar a compreensão dos sujeitos sobre si mesmos, sua singularidade e o contexto em que estão inseridos, proporcionando, como consequência, a possibilidade de transformação, de si mesmos e de sua realidade, o que nem sempre comparece nas técnicas tradicionais.

Considerando o contexto precarizado em que vivem os trabalhadores, a Roda caracteriza-se por oferecer espaço para escuta e fala dessas pessoas sobre como elas se relacionam com seu contexto, considerando-as ativas no processo de sua constituição, por enfatizar a relação subjetividade-trabalho, a intencionalidade dos atores sociais e o papel fundante do trabalho como atividade concreta de mediação (LUKÁCS, 1979); por promover a importância dos sentidos e das ações do trabalhador; por comprometer-se com a importância de se proporcionar reflexão e transformação do mundo real; por apresentar ações transformadoras dos sujeitos e da realidade em que vivem; e por propor uma prática contrária às formas neopositivistas de produção do conhecimento nessa área e de ruptura com a lógica capitalista de relação e de vida.

A Roda se apresenta enquanto uma estrutura de rompimento com o cotidiano massificante daqueles sujeitos: ao formar uma roda, os participantes têm a oportunidade de se olhar e, à medida que a palavra circula nesse espaço, eles adquirem a capacidade de se enxergar, sendo esse um grande diferencial da estratégia empregada. É no grupo enquanto roda que os discursos dos sujeitos ganham a possibilidade de existir de forma válida e de circular por aquele ambiente, encontrando-se com os discursos de outros participantes por meio da mediação da animadora (FREIRE, 1978).

Nesse sentido, Paulo Freire (1978) coloca a construção do mundo comum, ou seja, a (re)construção da realidade, a partir do sujeito e das relações dialógicas que eles estabelecem como possível pela expressão do homem que se humaniza, se reconhece, em um processo em que a palavra tem lugar no encontro e no reconhecimento do



outro, de outra consciência, o que proporciona, por sua vez, o reencontro consigo mesmo e o reconhecimento de si mesmo.

A Roda é realizada de forma contínua. Desse modo, os acontecimentos que surgem em grupo oportunizam ser vivenciados, refletidos, discutidos, dialogados com o outro, com a presença de quem os experienciou. A primeira Roda configura-se como uma conversa de apresentação, em que a animadora conta sobre a prática que será realizada e sobre seu compromisso ético, enquanto mediadora, a respeito de tudo que surgir no grupo. A partir de recursos que os aqueçam para falar de si mesmos, os participantes também têm a oportunidade de se apresentar, de iniciar as partilhas e de estabelecer as relações que têm a potência de se firmar nesse espaço.

Cada Roda de Conversa Dialógica inicia-se com um tema gerador, proveniente do grupo anterior e recuperado das falas dos sujeitos da própria Roda. São questões, inquietações, problemáticas motivadas pelo interesse dos participantes. Apesar da aparente naturalidade com que surgem, os temas que emergem das falas dos participantes são destacados pela animadora, que possui, ao longo desse processo, o papel de desnaturalizar os aspectos enrijecidos e que passam despercebidos naquilo que cotidianamente é dito, mas não é pensado.

As palavras geradoras são, para Freire (2002), justamente aquelas que proporcionam a criação de novas palavras, de cada vez mais reflexões, e que, conseqüentemente, carregam em si a força do engajamento do sujeito, instaurador e transformador de si e do mundo em que vive.

Durante o desenvolvimento da Roda são várias as peculiaridades que explicitam a diferença entre essa metodologia grupal dialógica e outras metodologias grupais reprodutoras de uma lógica encerrada na produtividade e na reprodução de papéis. Nas Rodas a dialogicidade do grupo deve oportunizar que os sujeitos falem e sejam ouvidos. Dessa forma, é apresentada uma ação estimuladora (objeto, música, imagens), que tem uma função significativa e favorece a produção de falas sobre a temática para a qual se dirigiu tal ação. As falas começam a circular, e a animadora conduz a discussão de forma que todos tenham a oportunidade de contar suas histórias. Todos são ouvidos, questionados, escutados. Esse movimento produz uma sinergia entre as falas produzidas ali. Nesse processo, o dito de um enriquece a compreensão do outro, em um percurso contínuo que produz a invenção, resultado da riqueza das muitas falas.

A potência da estrutura da Roda de Conversa Dialógica – o círculo que permite que os sujeitos se enxerguem – não garante, no entanto, que a palavra necessariamente circule. Escutar os sujeitos não significa apenas escutar suas vozes mecanicamente, mas, sim, compreender as relações históricas que existem por trás de suas falas num movimento dialético. Compreender o que os participantes dizem também não significa interpretar, mas espelhar a palavra que é dita como potência, como algo que antes não era dito, visto, escutado, e agora se transforma em conhecimento e invenção.

A animadora espelha a fala que antes não era ouvida e dá oportunidade para que

o trabalhador se reconheça no que ele mesmo diz, se volte para si e para sua condição no mundo e se perceba ativo em seu contexto. Nesse momento, a animadora estimula a recuperação das relações e histórias presentes nas palavras ditas pelos sujeitos e promove articulações horizontais entre o conteúdo discursivo produzido, desinvestindo qualquer posição que verticalize ou acentue valores de alguma fala salvadora. Busca-se, assim, romper com processos hierarquizados e disciplinadores tão presentes nas práticas tradicionais de trabalho com grupos. Dessa forma, o sujeito pode se ver mais transparente, agora com voz, e como pessoa capaz de transformar e inventar um caminho possível: o “*inédito-viável*” (FREIRE, 1978).

No patamar horizontal as palavras ditas podem percorrer o espaço e na Roda de Conversa Dialógica, a animadora ajuda a palavra a circular. A palavra desmembra, desestabiliza, desenrijece, toma outras formas e se refaz ao final, no encerramento da Roda, na busca por entender quais movimentos o coletivo tem feito e o que tem sido comum e diferente em cada encontro; e, ao ser refeita por cada um dos sujeitos e movimentado pela animadora, percorre e atravessa outros membros do grupo.

Se os sujeitos se constituem em relação, quando um trabalhador diz de si mesmo, conseqüentemente está falando de outro, e aquilo que diz oferece ao outro uma visão dele, que ele mesmo não é capaz de enxergar sobre si, do lugar onde está. Ao fazer com que a palavra circule, a animadora possibilita que pontos de vista e afetações dos participantes do grupo, em relação uns aos outros, sejam também circulados e que eles se voltem para si mesmos, a partir do que o outro diz sobre eles, em um movimento dialógico de desconstrução de pensamentos alienados e alienantes.

O que perpassa esse movimento é o vínculo mobilizado nas partilhas mediadas pela animadora. Conhecer a história do outro permite ao participante enxergá-lo de uma forma que antes não era visto. O outro deixa de ser um sujeito estagnado em um estereótipo cuja característica lhe era atribuída segundo a estrutura do seu cargo no trabalho, passando a ser uma pessoa localizada histórica e contextualmente, constituída por diversas outras vozes sociais, que agora têm lugar no grupo.

Quando há liberdade para o diálogo, instala-se um ambiente seguro para o dizer – o sujeito pronuncia a palavra, que é a pronúncia do mundo que revela de si, e se revela para o outro. A palavra, então, mais do que instrumento nesse espaço, proporciona o nascimento da comunicação, tornando-se, em essência, o diálogo (FREIRE, 1978).

O enredo da vida de um sujeito atravessa o discurso da história dos outros; dessa forma, por meio do manejo da animadora, são propostos trabalhos coletivos dentro das atividades da Roda e reflexão entre as diferenças do que é realizado individualmente e do que é realizado em grupo. Diante desse conjunto processual, um coletivo tem a possibilidade de ser criado – não um coletivo reprodutor da massa comum e indiferente, alheio ao seu estar no mundo, mas um coletivo repleto de singularidades, que garantem a alteridade e a relação das inúmeras vozes ali presentes.

Na Roda, a palavra se transforma em ação: a “*palavra oca*” dá lugar à “*palavra verdadeira*” (FREIRE, 1978). A relação com a palavra não acontece de forma descolada

da realidade daquele que diz, mas, ao poder ser dita e refletida da posição de sujeito, é carregada de significação – proveniente da experiência daquele que fala – de historicidade e de capacidade de transformação.

Dessa forma, garantir a singularidade e a alteridade dos sujeitos na Roda exige da animadora o emprego das mediações críticas, movimentando os discursos partilhados de forma que a palavra circule, atravessando os sujeitos e fazendo-os refletir sobre si mesmos, seu estar no mundo, seus pares, suas relações e contradições. A dinâmica da Roda permite ao trabalhador materializar com os seus pares um fazer que, para ele, tem significação. Essa conscientização lhe favorece perceber a realidade não evidenciada nas relações de trabalho, pois estão atravessadas por contradições do capitalismo, em que o trabalhador não se reconhece naquilo que trabalha para produzir.

A conscientização é um instrumento de ação reflexiva em que os sujeitos são partícipes nesse processo de reflexão, capazes de perceber sua realidade e recriá-la. A necessidade da tomada de consciência não teria sentido, pois, sem a percepção por parte dos participantes de que se encontram em um contexto opressor e sem a noção de que são ativos no processo da própria libertação (FREIRE, 1978). Podem, assim, repensar seu processo de trabalho, abrindo brechas para compreenderem os processos de alienação instaurados pelo modo de produção capitalista, que fazem com que o sujeito se aliene pelo trabalho.

No presente estudo, foi possível perceber que os trabalhadores por vezes se veem como um mero número, semelhantemente à quantidade de residências que visitam. Ao refletirem sobre a dureza desse cotidiano, perceberam que não são o número de casas visitadas, que o trabalho deles contribui para a saúde pública, e se valorizar a partir desse olhar. Embora esse ganho seja um ganho subjetivo, sua humanidade é recuperada em detrimento de sua invisibilidade funcional. Na Roda, as vozes ressoavam para além do sujeito, proporcionando-lhe novas visões, abrindo caminhos, ampliando oportunidades para outros contextos de suas vidas. Foi, então, uma vivência suscitadora de vivências e experiências que, na relação entre os participantes e a animadora, e entre os participantes e eles mesmos, promove saúde.

Ao falarmos de saúde, não estão em voga a saúde física e psicológica e os aspectos sociais dos sujeitos de forma isolada, mas a grande teia de relações entre essas esferas, que produzem no sujeito um modo singular de se posicionar frente à sua realidade, de estar em suas relações, de agir em seu cotidiano. A Roda tem efeitos de maior duração, que seguem durante a caminhada dos participantes, que tocam aqueles com quem se encontram, optando pelo caminho que melhor lhe aprouver seguir. Ao deixar um legado para os sujeitos e para aqueles com quem se deparam, a Roda permite que os sujeitos escolham entre as possibilidades disponíveis e a velocidade das passadas, resolvam quando parar e quando seguir, pensem sobre com quem querem realizar suas andanças, tenham a oportunidade de voltar atrás e perceber a trajetória que já realizaram, “... com a certeza de que [essa caminhada] é construída por homens que buscam viver. Livres” (MENDES & DIAS (1991, p.348).

O papel do(a) animador(a) não almeja catalisar um pensamento aplicado a todos ou fazer a síntese individual de cada participante, apresentando uma suposta sugestão para seus problemas. O(a) animador(a), como a própria semântica freiriana o revela, desempenha a função de tornar o movimento das palavras ditas em uma circulação criativa, na qual cada participante vai se apropriando dos saberes construídos coletivamente, que se encaixam na sua própria invenção: é o momento do “inédito-viável” inscrito na singularidade de cada um. O(a) animador(a) necessita se inserir no processo, preservando uma ética atenta ao não dito, ao silêncio, aos gestos, aos olhares e a outras manifestações que expressam as singularidades de cada um.

Na observação do processo, o(a) animador(a), muitas vezes, deságua sua observação em vazios que aparentemente não dizem aquilo que está encoberto nas manifestações dos participantes, porque nem tudo é dito, a palavra falta. Quando imersos em múltiplas situações percebidas na Roda, os participantes entram em um estado criativo, que, naquele momento, é o início de sua invenção; logo, o próprio participante – embora lhe falte a palavra, a síntese – já inicia um processo de vislumbrar possibilidades, mesmo que ainda não capturáveis. A invenção singular de cada um, portanto, é um processo em que a ética do(a) animador(a) tem a sensibilidade para perceber e alimentar o movimento criado pelo participante na direção de sua invenção.

Ao escrever sobre esse complexo fenômeno, depara-se com a dificuldade de escrever (simbolizar) essas “frações” do movimento dos participantes, por se apresentarem no que chamamos de um vazio. Vazio por quê? Porque é muito difícil escrever detalhes abstratos que os participantes trazem para a Roda. Os poetas e os músicos dominam com maior habilidade o processo de simbolização de algo que é inventado. Nota-se em cada participante sua partícula sensível e sua potência criativa ao perceber sua capacidade de inventar o que não é dito.

É necessário que o(a) animador(a) esteja presente como alguém que também tem um modo de vida, como todos os outros que estão sendo expostos no grupo e que se encontram em suas diferenças, podendo produzir rupturas em discursos e agires hegemônicos. O que não significa misturar-se, mas colocar todas as existências, inclusive a sua, no patamar mais horizontal possível, destituindo ao máximo as relações de poder que possam ali estar presentes e abrindo espaço para que as vozes sejam ouvidas.

#### **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do percurso trilhado nas Rodas de Conversa Dialógicas, na pesquisa e na construção dessa estratégia, foi possível notar as particularidades de uma proposta metodológica dinâmica e em contínua (re)construção. Há questões que, por vezes, escapam-nos e fazem-nos continuar refletindo e dando lugar a outros ângulos a serem

investigados. Ainda, há outras questões que dão pistas sobre o que todo esse caminho significa para nós, no movimento dos grupos, das reflexões, do texto e seu contexto, e da circulação dessa experiência por outros atores.

A pesquisa produzida a partir dessa metodologia pode contemplar novos modos de estruturação da Roda em futuros trabalhos. A forma em que as Rodas se organizam acompanha o movimento contextualizado da realidade, pois, em cada momento histórico, são produzidos novos olhares e novas demandas. Para uma metodologia se tornar aplicável no seu tempo, ela deve ter, no conjunto teórico-metodológico de sua estrutura, articulações dialéticas que recuperem o contexto de seu momento de origem. Esse processo gera uma compreensão dialética, em lugar de respostas mecânicas, o que permite entrar em contato com uma visão ampliada e amadurecida sobre a realidade. Dessa forma, uma noção ampliada do cuidado no que se refere à saúde do trabalhador substitui a condição superficial da leitura dos fatos que envolvem o mundo do trabalho.

A escrita desse capítulo, enquanto momento de síntese provisória exige, primeiramente, um recorte, no qual se pretende materializar em texto a estratégia metodológica da Roda de Conversa Dialógica. Dessa forma, outras questões ainda precisam ser pensadas mais profundamente e com mais criticidade: O que significa, efetivamente, promoção da saúde? Tendo clareza teórica sobre esse termo, qual seria a relação entre promoção de saúde e autonomia?

Observou-se que a Roda de Conversa Dialógica não tem o poder messiânico de dar respostas às demandas das necessidades humanas básicas (PEREIRA, 2008), nem condições objetivas do trabalho, visto que, permanentemente, submetem-se às limitações dos aspectos macrossociais da realidade. No entanto, a partilha da palavra e sua circulação geram um ambiente criativo entre os participantes e estabelece oportunidades desses se relacionarem com tal realidade, ampliando olhares e criando possibilidades, o que Freire (1978) chamou de “inédito-viável”.

Obtém-se, assim, uma movimentação que não acontece de acordo com um pedido da instituição ou com aplicação de técnicas de grupo, mas em um processo de construção dos próprios sujeitos. Fica evidente que o cuidado com os trabalhadores permite tanto transformações singulares quanto construções coletivas que potencializam a movimentação de seu contexto, pela apropriação de seu processo de constituição e de trabalho, para promover a saúde.

Defende-se, aqui, a não neutralidade do(a) pesquisador(a) em relação ao seu objeto de pesquisa; inclusive, a história e o contexto do(a) pesquisador(a) influenciam diretamente em todas as escolhas e caminhos da investigação, possibilitando que as intervenções tenham a sensibilidade e a compreensão necessárias para que a Roda aconteça. No presente estudo, se a animadora não fosse também uma trabalhadora, se sua história não fosse assemelhada aos demais e se ela mesma não fosse afetada pelas histórias que ali são contadas, não seria possível a posição de escuta, a capacidade de estranhamento necessária à problematização, a exposição das

contradições e diferenças que possibilitam a circulação de palavras outras que não aquelas que estão naturalizadas.

Por fim, entende-se que o objetivo da Roda de Conversa Dialógica não é o de oferecer um manual no fazer grupal; ao contrário, sua potência está em funcionar como inspiração para a criação de novas metodologias e fazeres, em um processo de luta e de construção coletiva pelo trabalho que acreditamos: práticas de ruptura, de transformação, de promoção de salutogênese, de autonomia e de libertação.

## REFERÊNCIAS

Andaló, C. S. A. **Mediação grupal: Uma leitura histórico-cultural**. São Paulo: Ágora, 2010.

Barros, C. R.; Pereira, M. S.; Barros, V. A. Intervenção Psicossociológica no campo do trabalho: pesquisar e intervir. In: Vieira-Silva, M.; Vecchia, M. D.; Paiva, F. S.; Cardoso, L. F. V.; Mazini, J. C.; Machado, M. N. M. **Democracia, política e psicologia social: rupturas e consolidações**. Encontros em Psicologia Social. Porto Alegre: Abrapso Editora, 2017, p. 139-54.

Bendassolli, P. F.; Gondin, S. M. G. Projeto de Cientificidade das clínicas do trabalho e seus desafios no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho. In: Bendassolli, P. F.; Soboll, L. A. **Métodos de Pesquisa e Intervenção em Psicologia do Trabalho – Clínicas do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2014, p. 3 – 31

Borges, V. V.; Batista, H. O., Dalla Vecchia, M. **Os grupos na produção de conhecimento na Psicologia: uma revisão de literatura**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n2/a19v23n2.pdf>. Acesso em: ago/2018.

Creswell, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

Freire, P. A. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Freire, P. A. **Pedagogia da Autonomia Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1996.

Freire, P. A. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Heller, A. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Lacaz, F. A. C. O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, Review, 2007; p. 757-766.

Lane, S. T. M. O Processo Grupal. In: Lane, S. T. M; Codó, W. **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense; 1984. p. 78-98.

Lukács, G. **Ontologia do ser social. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.

Martín-Baró I. Sistema, grupo y poder. In: **Anais da Psicologia Social desde Centroamérica II**, San Salvador: Universidad Centroamericana José Simeón Cañas, 1989.

Marx, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.



Mendes, R.; Dias, E. C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. Revista de **Saúde Pública**. São Paulo, Review, 1991; p.341-349.

Pereira, P. A. P. **Necessidades Humanas: subsídios à crítica dos mínimos sociais**. São Paulo: Cortez; 2008.

Pereira, S. E. **Rodas de Conversa: Cuidando do trabalhador, aqui tem a força da palavra**. Curitiba: Prismas, 2015.

Pontes, R. N. **Mediação e serviço social**. São Paulo: Cortez; 1997.

Seligmann-Silva, E. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

Tengland, P. **The goals of health work: Quality of life, health and welfare**. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16850196>. Acesso em: ago/2018.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-016-2



9 788572 470162